



# MULHERES QUE RIMAM: A ARTE COMO ESPAÇO DE LUTA FEMINISTA

## WOMEN WHO RHYME: ART AS A FIELD OF FEMINIST FIGHT

Carolina Ofranti Sampaio<sup>1</sup>

### RESUMO

A identidade de uma artista está condicionada a sua identidade enquanto mulher. Principalmente quando a sua arte está atrelada ao território urbano, um espaço que por construção é de domínio masculino, como é no caso das mulheres protagonistas do Movimento Hip-Hop. Dessa forma, esse trabalho discute o rap produzido por mulheres como uma ferramenta comunicacional de expressão e resistência feminina dentro do Movimento. Para isso, o trabalho intenta analisar por meio da análise de conteúdo a performance do grupo de rap capixaba Melanina Mc's em músicas do seu último álbum, "Sistema Feminino", buscando identificar elementos de subversão da lógica de produção e consumo do rap, que se opõe à uma cultura misógina do Movimento, por meio de processos de comunicação contra-hegemônica, caracterizado pelo estilo musical.

### PALAVRAS-CHAVE

Movimento Hip Hop; Rap; Gênero; Cultura Urbana.

### ABSTRACT

*An artist's identity is conditioned to her identity as a woman. Especially when her art is linked to an urban space, a socially built space of a male dominance, as is the case of the protagonist women of the Hip Hop Movement. This paper discusses rap produced by women as a communicational form of expression and a feminine resistance within the Movement. To this end, the work intends to analyze through content analysis the performance of the last album, "Sistema Feminino", of the rap group Melanina Mc's, in search of elements that opposed to a misogynistic culture, through counter-hegemonic communication processes, characterized by musical style.*

### KEYWORDS

*Hip Hop Movement; Rap; Gender; Urban culture.*

## INTRODUÇÃO

Os movimentos político-culturais urbanos, como o movimento hip-hop, são importantes espaços de diálogo e exposição de demandas sociais, mas, por ocuparem espaços públicos, são protagonizadas pelo masculino e as demandas das mulheres periféricas ficam limitadas ao

---

<sup>1</sup> Carolina Ofranti Sampaio é mestranda em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Comunicação Social pela mesma instituição. Parte do Núcleo de Estudos Literários e Musicológicos (NELM). Contato: [carolinaofranti@gmail.com](mailto:carolinaofranti@gmail.com).



privado, doméstico. Indo de encontro com essa premissa, as mulheres que vão as ruas reivindicarem o seu espaço através da arte atuam de modo subversivo encontrando na estética artística a possibilidade de se fazer política.

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado que utiliza a análise de conteúdo<sup>2</sup> para estudar as músicas do álbum “Sistema Feminino” do grupo de rap capixaba Melanina Mcs, como uma forma reterritorialização feminina no hip-hop, por meio do discurso comunicacional do rap. Sendo assim, este trabalho aborda os aspectos conceituais e estéticos da produção feminista na arte, tendo como objeto de estudo a música Cenários, do Melanina Mcs.

## GÊNERO E PATRIARCADO

O conceito de gênero pode ser concebido em várias instâncias, como signo linguístico, cultural ou social. Independente da sua concepção, gênero é uma construção cultural que evoca representações do masculino e do feminino através de símbolos. Cabe, em sua definição a relação presente entre homens e mulheres, porém, por ser uma categoria analítica, seu conceito não determina como se dá essa relação, que bem sabemos que é de dominação e exploração patriarcal. Dessa forma, gênero é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p.75).

Seguindo então com o entendimento desta categoria pela historiadora Joan Scott, o conceito de gênero nos fornece os meios para decodificar e compreender as diversas formas de interação humana, dentre elas a relação entre os homens e as mulheres na sociedade. Essa relação é hierárquica, como descrever Bianca Alves e Jacqueline Pitanguy (1985, p.55) ao contextualizar a luta feminista da década de 60: “a política, o sistema jurídico, a religião, a vida intelectual e artística, são construções de uma vida cultural predominantemente masculina”. Similar ao que ainda vigora, a dominação masculina é algo que perpassa tanto o público quanto o privado, sendo o principal motivo de união entre as mulheres para uma luta por igualdade.

---

<sup>2</sup> Para Bauer (2002), a metodologia de pesquisa para música entende os sons como condicionais por seus contextos sociais, por isso, neste momento, a AC terá o objetivo de contextualizar, através da reconstrução de representações, as letras das músicas como um meio de expressão.



Porém, afirmar que a exploração patriarcal é uma razão de união entre as mulheres é um caminho perigoso e que é preciso de ressalvas para não cometer nenhum deslize conceitual. Se o patriarcado é um sistema de controle que domina as mulheres, é importante entender que ele não atua sozinho, mas sim junto de outros dois sistemas: o capitalismo e o racismo. Dessa forma, num eixo triplo é possível afirmar que as mulheres sofrem opressões em diferentes níveis e instância, como explica Bell Hooks.

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que “todas as mulheres são oprimidas”. Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. [...] No capitalismo, o patriarcado é estruturado de forma que o sexismo restrinja o comportamento das mulheres em algumas esferas, mesmo que, em outras, haja liberdade em relação a limitações (HOOKS, 2015, p.197-198)

A exploração de classe e dominação racial são elementos comuns da luta de homens e mulheres oprimidos. Mas a discriminação sexual dentro de movimentos antirracistas e anticapitalistas também trouxe uma consciência de gênero para essas mulheres, como afirmou Lélia Gonzalez em um depoimento pessoal no seu artigo que luta por um feminismo afro-latino-americano: “É justamente por essa razão que buscamos o MM [Movimento de Mulheres], a teoria e a prática feministas, acreditando aí encontrar uma solidariedade tão importante como a racial: a irmandade” (1988, p. 18).

Afirmar que as mulheres se unem sob uma única forma de dominação exclui outros eixos de exploração que também exercem discriminação sobre muitas mulheres, silenciando grande parte deste movimento. Lutar pelo interesse “das mulheres” ou de “demandas femininas” é uma inocente (ou não tão inocente assim) forma de categorizar as mulheres como iguais, evocando para a discussão uma premissa que há tempos se batalha para apagar: a de que a mulher é essência e a sua opressão se justifica por sua natureza feminina. Ser mulher é ser plural, e como alega Nicholson, as propostas das mulheres são baseadas em diversos lugares na história, na cultura e na sociedade, são demandas que refletem o contexto de quem fala e grupos específicos, e não uma categoria por inteiro. Por isso, a autora sugere que essas “demandas femininas” devam ser substituídas por propostas em contextos específicos, dessa



forma, “enquanto procuramos o que é socialmente compartilhado, precisamos ao mesmo tempo procurar os lugares onde esses padrões falham” (2000, p. 26).

É justamente por isso que o patriarcado é apenas uma das formas de opressão sobre as mulheres. É apenas em conjunto que os sistemas de exploração conseguem exercer forças estruturantes e adaptáveis para permanecer no controle por muito mais tempo e de forma quase invisível. Como afirma hooks, o sexismo masculino prejudica a luta antirracista, assim como o racismo feminino prejudica a luta feminista.

### MULHERES NO RAP, MULHERES NA ARTE

O movimento hip-hop teve início na década de 1960, no contexto de um período que ficou marcado pela discussão sobre os direitos humanos e as condições de vida da população pobre em Nova Iorque. Foi um momento em que surgiram líderes negros como Martin Luther King e Malcom X e de grupos como os Panteras Negras, se constituindo também como um período repleto de movimentos de direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Como instrumento de resistência, o hip-hop se apropriou de lutas e reivindicações desses movimentos sociais por meio da união dos seus elementos artísticos (rap, break e grafite). Ele se apropriou das cidades, ruas e praças para que, segundo Rose (1997), reinterpretassem de modo simbólico a experiência da vida urbana, marcando sua identidade na propriedade pública.

Sendo assim, o movimento político-cultural expressa através da arte a sua realidade, expondo as suas carências e demandas. Porém, a principal característica do hip-hop excluía grande parte dos seus integrantes do poder de fala. Por ser um movimento de rua, logo esse espaço público e de manifestação é, por construção, reservado ao masculino.

Há muitas formas de não existência feminina, e o no movimento hip-hop o feminino é silenciado também pela falta de representatividade. Tradicionalmente, na cultura urbana, à mulher é atribuído ao papel de espectadora em detrimento ao protagonismo. A falta de representações femininas no movimento muito se relaciona com a ordem social que faz uma divisão do que é masculino e feminino (BOURDIEU, 2012), reservando os lugares



públicos para os homens, desenvolvendo seu pensamento político, e deixa os lugares privados para as mulheres, construindo suas responsabilidades domésticas e de reprodução.

Elas são frequentemente condenadas a participar por procuração, por uma solidariedade afetiva para com o jogador, que não implica uma verdadeira participação intelectual e afetiva no jogo e que as faz frequentemente torcedoras incondicionais (BOURDIEU, 2002, p. 163)

Mas, como vimos, isso não é algo exclusivo ao hip-hop. A identidade de uma artista está sempre condicionado a sua identidade enquanto mulher. Responsabilidades domésticas, familiares, falta de acesso a educação e várias outras condicionantes sociais e econômicas sempre foram impasses para a carreira de uma artista.

Essa realidade é agravada pela ideia de que a arte vem de uma experiência divina, elaborada e desenvolvida apenas por grandes gênios. Como construção, as mulheres, sempre representadas como corpos vazios a serem possuídos, não dispõem da genialidade ideal para a produção artística, deixando a arte para o ser universal<sup>3</sup>, o homem branco, assim como a ciência, a política e entre outras esferas do conhecimento. Para Filipa Vicente, dado esse contexto, é importante questionar como que essas estruturas sociais marcam o trabalho de mulheres artistas e como que o fato de ser mulher também as impossibilita. “Isto não significa, como já afirmei, identificar uma arte feminina. [...] Significa, sim, analisar de que forma é que a identidade sexual pode determinar um percurso artístico” (VICENTE, 2012, p. 33).

Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar?* (2010) discorre sobre como o Outro, evocando Beauvoir (1980), não tem direito a voz nesta sociedade, não há valor a sua fala, principalmente por estar em locais em que sua identidade não é reconhecida. Como a presença de mulheres rappers é pequena, e com uma forte presença conquistada apenas recentemente, o espaço foi por um bom tempo dominado por cantores do sexo masculino, dessa forma a representação social feminina foi estabelecida pelo olhar masculino, construindo as identidades de gênero dentro do movimento. Assim, as mulheres são caracterizadas por idealizações opostas: julgando-as como vulgares ou angelicais.

---

<sup>3</sup> Para Beauvoir (1980, p.12), na construção do gênero feminino a mulher não é definida a partir de si mesma, mas através da relação de dominação masculina, que comporta significações hierarquizadas. Neste contexto o homem é constituído como o ser universal e a mulher é como objeto utilitário, para entender essa relação a filósofa feminista cunha o conceito do Outro, a partir da dialética do senhor e do escravo, de Hegel.



A dicotomia mãe-puta é traçada artificialmente sobre o corpo das mulheres, como fizeram com o mapa da África: sem levar em consideração a realidade do terreno, mas unicamente os interesses de seus ocupantes. Ela não acontece a partir de um processo 'natural', mas de uma vontade política. As mulheres são condenadas a serem cindidas em duas opiniões incompatíveis. E os homens se encontram presos dentro de outra dicotomia: o que os excita deverá continuar sendo um problema (DESPENTES, 2016, p. 70).

É interessante perceber que apesar de serem atributos encarados como contrários, a dicotomia mãe-puta se encontra na servidão feminina ao masculino, sendo ela sexual ou doméstica.

Mas, para Angela Davis (2016), a emancipação é uma construção abstrata, de quebra de pequenas barreiras diárias. Como forma de resistir e quebrar essas barreiras no movimento hip-hop, as rappers, grafiteiras e b-girls (dançarinas) ganham espaço na cultura urbana e a reterritorializam a partir de uma perspectiva de denúncia a desvalorização das suas experiências, pensamentos e atitudes.

## ARTE FEMINISTA

A ideia de uma arte feminista, uniforme, pode trazer consigo o pressuposto de que essa estética seria comum entre todas as mulheres artistas, reforçando as ideias de feminilidade que o feminismo tanto busca derrubar. Por isso, é problemático agrupar as artistas mulheres em uma única categoria do seu fazer artístico (seja ele literário, instrumental, cênico ou outro). Diferente desta premissa, uma estética feminista pode estar presente em diferentes estilos artísticos, sendo ela “sempre uma resposta visual a um conjunto muito específico de circunstâncias culturais e da história” (RAYMOND, 2017, p. 40)

Segundo Claire Raymond, o acontecimento estético ocorre na interação com o público, no reconhecimento. Para a autora isso acontece porque a arte é motivada por traços da história e da cultura, sendo assim a arte feminista é um conjunto de símbolos culturais que conectam as mulheres cuja história de opressão se assemelham em alguns aspectos. Dessa forma, a intenção de uma artista cuja estética é feminista só é totalmente compreendida depois de entregue ao público, “isto é, às pessoas que sejam ao mesmo tempo conhecedoras e desconhecedoras do lugar de origem da artista” (2017, p. 41).



Formado por Mary Jane, Geeh, Afari Mc e Loli, o grupo de rap capixaba Melanina Mcs surgiu em 2013 com o objetivo de transmitir sua mensagem através do rap underground. Em 2018 o grupo lançou o seu primeiro álbum, Sistema Feminino, com 10 músicas autorais que dialogam e representam as experiências das mulheres que constituem o Melanina Mc's.

Ao questionar essas bases das relações de poder através de ações político-culturais, essas mulheres recorreram ao movimento hip-hop, no qual já estavam inseridas, para produzir música como mídia radical. Segundo Downing, a mídia radical se concentra na matriz da cultura popular e da malha social, sendo considerado um fenômeno misto, não isolado e ordeiro. “A mídia radical nas culturas modernas inclui uma vasta gama de atividades, desde o teatro de rua e os murais até a dança e a música” (DOWNING, 2002, p. 39).

Na quarta faixa do álbum Sistema Feminino, Cenários, as rappers utilizam os versos para contarem as suas experiências. Essa faixa também foi o primeiro clipe do grupo (figura 1), onde, por meio de um conteúdo imagético, elas puderam mostrar as suas realidades, através de representações do feminino. Assim, com o rap, elemento de maior visibilidade do movimento hip-hop, elas encontram uma forma de emancipação dos ditames disciplinadores do patriarcado para expressão própria.

“Cenários” – Melanina MCs

Me fale sobre....

Sobre o mundo, a casa, a vida, o sonho

Como se fosse...

Um curta metragem, cenário perfeito, sem cenas de dor



Figura 1 - Foto da gravação do videoclipe Cenários, onde se encontram as integrantes do Melanina Mcs, ao centro, e convidadas a participarem da filmagem.



Uma das figuras mais valorizadas pelos rappers é a materna. O interessante é perceber que para mulheres rappers a figura feminina é encarada como um modelo identitário, expondo as preocupações em relação aos filhos, colocando em xeque todas as dificuldades enfrentadas por ela para criá-lo, “é por meio deste ato que ela demonstra o seu amor, reiterando, portanto, a representação de que a mãe doa-se ao filho e existe em função dele” (Matsunaga, 2018, p.111). Como no seguinte trecho:

“Cenários” – Melanina MCs  
Vejo pivete entrando, mas não vejo saindo  
O crime é a fonte que abastece a alma dos menino  
Sem mais alternativas e por falta de opção  
A mãe que chora nunca teve espaço e educação

É notável que toda mulher que aparece é devido a lutas contra as formas que desejam fazer ela desaparecer. Desta forma, as mulheres rappers buscam discutir temas que só podem ser ditas por quem são, representando a subalternidade do coletivo feminino do movimento hip hop através de uma narrativa que aborda temas comuns do grupo, desenvolvendo também a sua autoestima. Como no verso cantado por Mary J:

“Cenários” – Melanina MCs  
Um pela paz  
Dez porque eu mereço mais  
Mais respeito nessa casa  
Nós somos todos iguais  
Abaixa o tom, aumenta o som  
Som de preta nessas caixa  
Pra esse clima ficar bom!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Spivak (2010) não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar contra a subalternidade, criando espaços no qual o subalterno possa se articular e também ser ouvido. De porte dessa informação, é possível entender que as mulheres do movimento utilizam a estética do rap como uma forma de serem escutadas, exercendo contrapoder e questionando a clássica distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “privado” e “público”.

Assim, através de suas músicas as mulheres rappers promovem importância feminina, sua autoestima e confronto ao estereótipo de submissão, construindo novos limites simbólicos



das identidades de gênero por meio de uma estética feminista, que ocorre na interação e identificação cultural e histórica com o público.

### Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1985.

BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – Fatos e Mitos**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. [1945]

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. M. H. Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. [1981]

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. In: **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em: 06 ago. 2019.

MATSUNAGA, Priscila Saemi. As representações sociais da mulher no movimento hip hop. In: **Psicol. Soc.** 2008, vol. 20, n.1, pp.108-116. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100012>. Acesso em: 10 jun. 2019

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9, jan. 2000. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>>. Acesso em: 11 ago. 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/%x>.

RAYMOND, Claire. Pode haver uma estética feminista?. In: **Comunicação e Sociedade**, vol. 32, 2017, pp. 31 – 44 doi: 10.17231/comsoc.32(2017).2749.

ROSE, T. "Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop". Em M. Herschmann, (Org.), **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco. São Paulo: Brasiliense, 1997.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, Vol. 20, Nº2, Jul./Dez. 1995, p.71-99

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VICENTE, Filipa. **A arte sem história: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)**. Lisboa: Athena, 2012.

### Gravações

VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?  
20 a 22 de agosto de 2019  
Centro de Artes – UFES | Vitória/ES



Melanina Mcs. **Cenários**. Vitória: Timeless Record, 2018.